



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 16, número 1, jan-jun, 2023, pág. 358-378

**O Escafandro e a borboleta: uma análise à luz da
Fenomenologia-Existencial**

**The Diving Bell and the Butterfly: An Analysis in the view of
Existential-Phenomenology**

Luziane Vitoriano da Costa

Gabriel Vitor Melo Rocha

Kennedy Ferreira da Silva

Ewerton Helder Bentes de Castro

Resumo

Apoiado no filme *O Escafandro e a Borboleta* (2007) e no romance de Jean-Dominique Bauby, *Le Scaphandre et le Papillon* (1997), a narrativa autobiográfica descreve a luta do autor com uma condição rara chamada Síndrome do Encarceramento ou *Locked-in Syndrome*. O presente artigo teve por objetivo analisar as vivências de Jean-Do após a comunicação do diagnóstico da síndrome sob o viés da fenomenologia-existencial. A pesquisa bibliográfica de enfoque qualitativo destacou recortes do filme e trechos do livro para apresentar os sentidos atribuídos pelo protagonista e autor, Jean-Do, no que se refere às suas vivências em um corpo paradoxalmente apreendido, ora um escafandro, ora uma borboleta. A partir da seleção das cenas e leitura do romance foram levantadas duas categorias de análise: a) O corpo enclausurado: o escafandro; b) O devir de uma borboleta. Conclui-se que a vida de Jean-Do não foi apenas atravessada pelo sofrimento após a facticidade do AVC e a comunicação do diagnóstico da Síndrome do Encarceramento, seu corpo também era livre como uma borboleta, e essa liberdade, mesmo limitada a esse corpo encerrado em si, o movimentou a escrever autobiografia com “o único respiradouro de seu cárcere”, que o impedia de mergulhar em total escuridão, sua pálpebra esquerda.

Palavras-chave: O Escafandro e a Borboleta; Síndrome do Encarceramento; Fenomenologia-Existencial.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Abstract

Based on the film *The Diving Bell and the Butterfly* (2007) and Jean-Dominique Bauby's novel *Le Scaphandre et le Papillon* (1997), the autobiographical narrative describes the author's struggle with a rare condition called Locked-in Syndrome. The present article aimed at analyzing Jean-Do's experiences after the communication of the diagnosis of the syndrome from the standpoint of existential-phenomenology. The bibliographical research with a qualitative approach highlighted clips from the movie and excerpts from the book to present the meanings attributed by the protagonist and author, Jean-Do, concerning his experiences in a body paradoxically apprehended, sometimes a diving suit, sometimes a butterfly. From the selection of scenes and the reading of the novel, two categories of analysis were raised: a) The enclosed body: the diving bell; b) The becoming of a butterfly. It is concluded that Jean-Do's life was not only crossed by suffering after the facticity of the stroke and the communication of the diagnosis of the Locked-in Syndrome, his body was also free like a butterfly, and this freedom, even limited to this body enclosed in itself, moved him to write autobiography with "the only vent of his prison", which prevented him from plunging into total darkness, his left eyelid.

Keywords: The diving bell and the butterfly, locked-in syndrome, existential phenomenology.

Introdução

A vida é como um livro. Cada piscar de olhos é uma página virada e cada noite passada é um capítulo terminado.

Jean- Dominique Bauby - tradução nossa

O jornalista Jean-Dominique Bauby era redator-chefe da revista *Elle* na França e, no dia 08 de dezembro de 1995, aos 43 anos de idade, teve sua vida transformada após um acidente vascular cerebral (AVC). Bauby acorda do coma após vinte e um dias, ainda sem perceber a extensão dos danos causados. Ele não consegue se mover



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

ou falar, sua percepção é de estar em um escafandro¹ (Sanches, 2009).

No decorrer dos dias, o médico lhe informa que foi acometido pela Síndrome do Encarceramento ou *Locked-in Syndrome*, uma condição de baixa prevalência e rara e que é caracterizada principalmente pela perda do controle muscular voluntário dos quatro membros (quadriplegia). Além disso, o quadro nosológico também apresenta a incapacidade neurológica de falar e problemas para controle da respiração. Todavia, a consciência, a visão, audição e respiração permanecem preservadas (Pacheco-Hernandes et al., 2017; Vidal, 2018).

Bauby (1997) consegue mexer a pálpebra esquerda que, segundo ele, é o seu único vínculo com o exterior, o único respiradouro do seu cárcere, sua viseira do escafandro. E, através dele, passa a expressar as sensações vividas em sua condição atual, a experiência de aprisionamento.

Diante do exposto, o presente artigo tem por objetivo analisar as vivências de Jean-Do após a comunicação do diagnóstico da Síndrome do Encarceramento sob o viés da fenomenologia-existencial. A pesquisa bibliográfica de enfoque qualitativo destacou recortes do filme e trechos do livro para apresentar os sentidos atribuídos pelo protagonista e autor, Jean-Do, no que se refere às suas vivências em um corpo paradoxalmente apreendido, ora um escafandro, ora uma borboleta. A partir da seleção das cenas e leitura do livro foram levantadas duas categorias de análise: a) O corpo enclausurado: o escafandro; b) O devir de uma borboleta.

¹ Aparelhagem para mergulho dependente. Roupa de mergulho primitiva parecida com a roupa de um astronauta, dotada de grande capacete com viseiras, sendo este capacete o escafandro propriamente dito.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

No que tange à justificativa desta temática, o estudo encontra respaldo na insuficiência da produção científica correlacionando os parâmetros teóricos da fenomenologia-existencial e a compreensão de sentidos e significados de experiências pessoais a partir da arte. Vale ressaltar ainda que, artigos como este podem subsidiar a formação na área das Ciências Humanas, Sociais e da Saúde, podendo, inclusive, compor material científico de referência acadêmica.

Entre cenas do filme e capítulos do livro de Jean-Dominique Bauby

O nosso interesse pela língua francesa não é novo, costumamos contemplar suas músicas, sua literatura e seus filmes. Os filmes, em especial, costumam provocar re-flexões, incômodos, lágrimas, gargalhadas, diríamos que compreensões existenciais dos mais variados tons afetivos são evocadas. A escolha do filme *Le Scaphandre et le Papillon* ocorreu espontaneamente, da cotidianidade de uma tarde de domingo. Estávamos *zapeando* em busca de um filme preferencialmente estrangeiro, quando lemos a sinopse do filme que, ousaríamos dizer, nos causou certa curiosidade. Todavia, ao nos depararmos com a primeira cena, mergulhamos sensorialmente e afetivamente em um universo de angústia de um personagem que se percebe paradoxalmente entre as vivências dentro de um escafandro e a possibilidade de experienciar a liberdade voando como uma borboleta.

Ao término do filme, nos sentimos impelidos a obter mais informações sobre o livro que deu origem ao filme, cujo título era o mesmo. Demoramos alguns dias para conseguir adquiri-lo, mas finalmente iniciamos a leitura e as discussões em nosso grupo de estudos. Sentimos como se fosse outro mergulho, agora como se o



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

autor estivesse falando conosco. Embora, ambos, filmes e livros, tivessem nos tocado profundamente, nós pudemos perceber que cena após cena, capítulo após capítulo, Jean-Do retrata seu sofrimento, porém sua narrativa representa algo para além da dor.

Uma vida que continuou e continua nos desdobramentos artísticos.

2.1 O corpo enclausurado: o escafandro

Partiremos nossa análise do ponto em que o personagem Jean-Dominique Bauby se percebe em um escafandro após ter sofrido um AVC.

Castro (2017a; 2019b; 2020c) compreende o ser do homem como *ser-no-mundo*, lançado sem que tenha solicitado tal coisa. E, nesse lançar, encontra-se, continuamente, afeito às intempéries, situações-surpresa que lhe tira do porto seguro experienciado até aquele momento, as *facticidades* (HEIDEGGER, 2015). Diante dessa acepção e diante do que ocorreu ao protagonista é necessário trazer um pouco mais da história para que a compreensão se torne possível. Iniciaremos com o despertar do coma.

O “despertar” é uma situação que, no mínimo, diríamos *sui generis* tendo em vista que se dá no momento em que o autor percebe alguém costurando seu olho direito e esse momento é vivenciado à conta de medo, temor pela possibilidade de “fecharem” o outro olho, seu vínculo com o externo

Quando recobrei a consciência, naquela manhã de fim de janeiro, um homem estava inclinado sobre mim e costurava minha pálpebra direita com linha e agulha, como se remendasse um par de meias. Fui dominado por um medo irracional. E se, no seu ela, o oftalmologista me costurasse também o olho esquerdo, único



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

vínculo meu com o exterior, único respiradouro do meu cárcere, a viseira do meu escafandro? (Bauby - recorte do filme, Schnabel, 2007).

Castro (2019b; 2021d) amparado na teoria heideggeriana revela que um dos elementos vivenciados pelo *Dasein* (Ser-Aí) em seu lançamento no mundo diz respeito a que, diante de situações dessa envergadura, ocorre a vivência do medo ou do temor, ambos relacionados à possibilidade da finitude do humano, bem representado no excerto acima apresentado. Continuemos no “despertar”.

Bauby acorda e tenta reconhecer o local, a visão está embaçada, alguém chama o médico para avisar que ele retornou do coma. O médico se aproxima, avisa que está seguro e em um hospital, faz alguns testes e diz que está ali para colocá-lo ciente do quadro em que se encontra.

O médico relata que o paciente havia sofrido um AVC, inclusive que poderia ter morrido, mas com as novas técnicas de reanimação conseguiram trazê-lo de volta à vida. O paciente, sem perceber que perdeu a habilidade da fala, questiona: “*Isso é vida?*” (Bauby – recorte do filme, Schnabel, 2007).

Em uma fase aguda da doença, o indivíduo pode deparar-se com duas opções: começar o quanto antes a sua recuperação total ou a morte. O fato de continuar a viver, ainda que de forma drasticamente diferente, constitui enorme tarefa de adaptação, exigindo do paciente imensa capacidade em lidar com perdas, que, por sua vez, representa desafiar inúmeros princípios fundamentais da vida de qualquer pessoa” (Da Silveira, 2012).

Após informar o paciente sobre o AVC, o médico explica que Bauby está com uma condição rara, a Síndrome do Encarceramento, que o incapacita de se movimentar (quadriplegia) e falar, porém, a



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

consciência e outras funções estão preservadas, o que dá esperança (Vidal, 2018). Bauby pergunta para si: “*Síndrome do Encarceramento?*”

Essa questão ecoa nos pensamentos de Bauby e em seu existir, em sua existência. O que fica caracterizado através de questionamento que lhe vêm à mente: como foi para ele receber um diagnóstico tão delicado? Esse questionar-se de modo tão abrangente e profundo nos faz compreender que

Receber a comunicação de um diagnóstico significa redimensionar o olhar sobre a própria história, sobre o ser-si-mesmo, sobre a trajetória levada a efeito até esse momento. (Silva & Castro, 2020, p. 84).

Entretanto, a questão vai além apenas da comunicação do diagnóstico. Adentra a percepção que passa ter de si mesmo e questiona: Como seria viver encerrado em si? A dimensão do quadro, mesmo diante da técnica que avançou e o permitiu “viver novamente” sob condição de estar sendo punido. Sim! Seu olhar é de que estava vivendo como se vivenciasse punição, como ressalta:

O progresso das técnicas de reanimação sofisticou a punição. Escapamos, mas “brindados” por aquilo que a medicina anglo-saxônica batizou com justiça de *Locked-in Syndrome*: paralisado dos pés à cabeça, o paciente fica trancado no interior de si mesmo com o espírito intato, tendo os batimentos de sua pálpebra esquerda como único meio de comunicação (Bauby, 1997, p. 5).

Instaura-se a angústia. A inquietação de como será viver a partir dessa condição em que fora lançado se faz presente. Para Heidegger (2015) é por intermédio da angústia que o ser humano pode libertar-se da condição impessoal e inautêntica em que está inserido que, no caso de Bauby é perceber-se encarcerado, aprisionado em um corpo que não responde a seu controle. Finitude, eis a possibilidade.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Contudo, o paciente resolve ir além, utiliza do recurso que tem – a pálpebra esquerda – para tornar-se responsivo. Percebe-se no enredo que o “ser finito” oriundo ao nosso ser-no-mundo torna-se cada vez mais a certeza de Bauby. Neste momento recorremos a Heidegger (2015) que nos lança à reflexão do ser-quem-somos, seres de finitude e assevera que a totalidade do ser, nada mais é do que assumir seu ser mais próprio, o “ser-para-a-morte”.

Nosso personagem ao tomar conhecimento de sua atual condição reflete muito bem essa acepção heideggeriana, tendo em vista assumir essa atitude ante o impessoal, não tenta esconder seu desamparo, passa a reconhecer sua realidade, sem considerar ou usar os outros como meros utensílios que pode manipular à vontade em virtude de seu quadro clínico. Vivencia a autenticidade, sem desviar-se do próprio caminho. De modo geral, através do movimento palpebral, Bauby apropria-se de seu ser-no-mundo enquanto ser-para-a-morte e passa a redimensionar seu cotidiano, seu existir.

Outro constructo surge nesse mesmo discurso, o perceber-se, a percepção de si-mesmo. Mas, o que poderíamos estar correlacionando em relação a este termo? Recorremos a Maurice Merleau-Ponty (2018b) que restitui ao termo seu sentido originário, que é o de ser nossa abertura e nossa iniciação ao mundo, nossa inserção “num mundo”, numa natureza, num corpo “animado”. Assim, este autor nos revela

Mantendo-se na junção da natureza, que é sua base, com a história, da qual ela é a fundação ou a instituição ao fazer o tempo natural virar tempo histórico, a percepção é, portanto, o “fenômeno originário” em que se determina o sentido de ser de todo ser que possamos conceber, uma vez que, não conseguimos conceber coisa que não seja percebida ou perceptível e suas articulações



são as mesmas de nossa existência (Merleau-Ponty, 2018b, p. 370).

Considerando a descrição desse constructo, torna-se perceptível na descrição de Bauby essa acepção, uma vez que, sua vida até o momento do acidente e o despertar do mesmo passa a ser considerado, por ele, como sua trajetória, sua história, cuja a dimensão passa por mudança a partir da saída do coma no sentido de que é compreendida sob outro viés, outra perspectiva. Encontrar-se encarcerado, aprisionado em um corpo que não mais responde a seu comando e, comunicando-se a partir da pálpebra esquerda, o olhar que nosso personagem passa a lançar sobre si mesmo, ou seja, a percepção do ser-si-mesmo, daquele instante em que toma consciência de seu quadro clínico é o de que já não é mais quem pensara ou fora anteriormente. É outro momento, é outro Bauby, é outro existir, é outra existência. Redimensiona, nesse momento, a percepção da vida, de si e do mundo.

O corpo que ele é, muda significativamente.

2.1.1 Corpo objetificado

As relações do paciente com seu próprio corpo, com os outros e com o mundo mudam significativamente. Seu corpo será manipulado pelos profissionais de saúde, desde a realização de exames como no auxílio para procedimentos de higiene e troca de roupas pessoais. As funções cerebrais foram afetadas, assim sua afetividade, sua corporeidade, sua interação com os outros sofrem prejuízos (Roehe, 2018).

Pessoa 1: “Vamos vesti-lo, assim você se anima.”

Pessoa 2: “Iremos tentar a cadeira de rodas”.

Pessoa 3: “Está pronto para a cadeira de rodas. Agora a surpresa!”

(Equipe de Saúde - recorte do filme, 2007)



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Segundo Roehe (2018), o *ser-no-mundo* se tornou estranho, tendo em vista que a situação provocou em Bauby o desalojamento de seu mundo: seu corpo, seus movimentos, as pessoas e os lugares, tudo é “outro”.

Num dia, acho divertido, aos quarenta e quatro anos, estar sendo lavado, revirado, esfregado e posto em cueiros como um bebê. Em plena regressão infantil, chego até a sentir nisso um vago prazer. No dia seguinte. Tudo isso me parece patético ao extremo, e uma lágrima rola pela espuma do creme de barbear que um atendente espalha sobre minhas faces. O banho semanal, então me imerge ao mesmo tempo em abatimento e felicidade (Bauby, 1997, p.09).

Suas considerações iniciais primam pela experiencição de seus primeiros momentos no hospital com esse corpo que dói e o aprisiona. A concepção “escafandro” surge no sentido de aprisionamento de si mesmo.

Atrás da surrada cortina da minha janela. Um tênue fulgor anuncia o começo do dia. Me doem os pés e minha cabeça pesa uma tonelada. Uma espécie de escafandro aprisiona o meu corpo. Minha tarefa consiste em tomar notas desta viagem imóvel de um naufrago nas margens da solidão (Bauby – recorte do filme, Schnabel, 2007).

Adentramos no constructo *corpus, corpo*. Merleau-Ponty (2018b) distingue o corpo objetivo ou animal, que é analisado decomposto em elementos, do corpo fenomenal ou corpo próprio, no qual me apreendo como exterioridade de uma interioridade ou interioridade de uma exterioridade. Portanto, o corpo fenomenal é um corpo-sujeito, mediante a qual ele é qualificável como poder de expressão, espírito, produtividade criadora de sentido e de história (Silva & Castro, 2020). Entretanto, em Bauby esse corpo foi transformado. Seu corpo passou



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

por transformações que alteraram suas vivências do cotidiano. O corpo sofreu as consequências.

Dia dos pais. Meu filho limpando a saliva que escorre de meus lábios fechados. Nunca os forçamos a comemorar este dia. (...) Agora eles sabem o que é ter um zumbi como pai (Bauby – recorte do filme, Schnabel, 2007).

Não há palavras para expressar minha tristeza. Sou pai deles e não posso tocá-los, passar a mão em seus cabelos ou apertar contra mim seus corpos pequenos e quentes. Portanto, me contento em vê-los jogar e rir. É o que chamo de belo dia (Bauby – recorte do filme, Schnabel, 2007).

Considerando a perspectiva merleau-pontyniana, podemos inferir que, a vivência em relação aos filhos – muito densa, na verdade – apresenta a característica da *sedimentação*, tendo em vista que

Há sedimentação quando uma intenção significativa nova se incorpora à cultura mobilizando e transformando os significados disponíveis e funda, assim, uma tradição capaz de ser infinitamente retomada e transformada e assim é o único modo de ser da idealidade (Merleau-Ponty, 2014a, p. 288).

A partir dessa definição, compreende-se que Bauby incorpora a seu movimento cultura (relações sociais inerentes, especificamente, ao ser-pai) nova perspectiva relacional no que tange a seus filhos. Nova tradição (relacionamento) é estabelecida no sentido de que o pai de antes deixara de existir sob um determinado aspecto é necessário conviver com esse outro pai que surge após o coma. Assim, ocorre a retomada da percepção do vínculo e sua conseqüente transformação que, mesmo diante das privações a que está submetido, se torna o ideal do ser-novamente-pai e transitar da figura-zumbi para a observância de que os filhos ali, representam um belo dia.



2.1.2 Desejo de morte

Sartre, em sua obra *O Ser o Nada*, a partir do estudo de Ming-Wau et al. (2020), explicita que o suicídio é um absurdo cujo intuito é finalizar o projeto de ser. O homem, segundo Sartre, é, inicialmente, um projeto de ser e é por meio desse projeto que o homem dá sentido à vida.

Jean-Do percebe a situação do diagnóstico e da vida que se mostrou pra ele como imutável e sem saída e, através da forma que aprendeu a se comunicar com a equipe médica, expressa esse desejo à sua fonoaudióloga, Henriette Duran, que consternada responde:

Deseja morrer? Como você se atreve? Tem pessoas que o amam, que se preocupam com você. Eu quase não te conheço e já me preocupo. Você está vivo. Não diga que deseja morrer. É grosseiro e obsceno (Duran, fonoaudióloga – recorte do filme, Schnabel, 2007).

Santos (2017) afirma que, a pessoa que pensa em pôr o fim à própria vida, considera que essa é a forma de terminar com o sofrimento. Além disso, o sofrimento vivido pode ser desesperador que a faz acreditar que, se a morte se concretizar, ela se libertará do sofrimento e não causará mais sofrimentos das pessoas ao seu redor.

2.1.3 A fatídica culpa

Segundo Angerami (2007), Feijoo (2010) e Heidegger (2015), a culpa é compreendida como um débito, que se configura em forma de lamentação, como se estivéssemos aprisionados às vivências passadas, renunciando, assim, a liberdade humana.

Hoje sinto que toda minha existência foi uma cadeia de pequenos erros. Mulheres que não fui capaz de amar, chances que não pude aproveitar...Momentos de felicidades que deixe escapar. Uma corrida cujo resultado era conhecido de antemão, mas na qual você



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

não fracassava em apostar no vencedor. Estava cego ou surdo? Ou precisa de uma desgraça para que você veja sua verdadeira natureza? (Bauby - recorte do filme, Schnabel, 2007).

De acordo com Santos (2017), o sentimento de culpa expresso na fala de Bauby, demonstram sentimentos de generalizações de que “não há mais jeito, não há mais nenhuma saída e nada pode ser feito; que viver é muito difícil e não há nada em que seja possível basear-se a fim de realizar algum tipo de mudança para sair da situação”.

Como a liberdade é renunciada, pois não se percebe com outras possibilidades, há um movimento de fechamento para a vida. Uma sensação de ruptura, o tempo parou, o espaço paralisou, há um engessamento da fluidez da vida, a vida se tornou engessada (Santos, 2017).

2.2 O dever de uma borboleta

Angerami (2007) compreende o homem como um ser em movimento ou, em outras palavras, uma existência que não é estática, que está em processo de contínuo “do vir-a-ser”, um frequente “ainda-não”, com a possibilidade de um “poder-ser”, favorece desdobramentos e nos faz ir além de nossa própria existência.

Neste sentido, Bauby projeta-se em uma abertura contínua e “é pela transcendência que o homem descobre a totalidade de suas possibilidades existenciais, possibilidades que não se esgotam ainda que a existência esteja inerte diante das vicissitudes existenciais” (Angerami, 2007, p.39).

2.2.1 Poder-ser eu mesmo, apesar dos pesares

Viver para além do determinismo de seu quadro nosológico e não se permitir renunciar à sua liberdade nem se submeter à situação vivida, o faz aproximar-se de seu mundo próprio, da autenticidade de



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

sua existência, percebendo que há limites para esse corpo, mas há outras formas de enfrentamentos. Assim, “é na vivência da autenticidade que o homem se torna, através da consciência, homem na busca dos valores que irão determinar-lhe essa condição. Ela promove a consciência de si e do outro” (Angerami, 2007, p.42).

O escafandro já não oprime tanto, e o espírito pode vagar como borboleta. Há tanta coisa para fazer. Pode-se voar pelo espaço ou pelo tempo, partir para a Terra do Fogo ou para a corte do rei Midas. Pode-se visitar a mulher amada, resvalar para junto dela e acariciar-lhe o rosto ainda adormecido. Construir castelos de vento, conquistar o Velocino de Ouro, descobrir a Atlântida, realizar os sonhos da infância e as fantasias da idade adulta (Bauby, 1997, p. 05).

Pode-se compreender que Jean-Dominique Bauby começa a dar um sentido novo à sua existência a partir desse momento, já que sua memória e imaginação o possibilita voar como uma borboleta, apesar de encontrar-se enclausurado em seu escafandro. Portanto, o sentido da vida, como aponta Angerami, “é a propulsão capaz de levar o homem a horizontes sequer atingíveis pela razão” (Angerami, 2007, p.35).

Decidi não sentir mais pena de mim mesmo. Me dei conta que há duas coisas que não estão paralisadas além dos meus olhos. Minha imaginação e minha memória. São os únicos meios que me permitem sair do meu escafandro. (a imagem de uma borboleta ao fundo). Posso imaginar qualquer coisa, pessoa e lugar. Deixo-me ser acariciado nas ondas da Ilha de Martinica. Um encontro amoroso com a mulher que amo. Deixe-me cair aos pés de



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Ozymandias², rei dos reis” (Bauby – recorte do filme, Schnabel, 2017).

Ademais, a existência humana é capaz de experienciar o espaço e tempo.

O ser humano, além de se encontrar concretamente num determinado lugar, tem compreensão de seu próprio existir no mundo, relativa tanto ao local e instante atuais como a outros vividos anteriormente, e também há aqueles que desejam ou receiam vir a experienciar. O nosso espacializar não se limita ao — estar aqui, pois inclui o — ter estado lá e poder vir a —estar acolá, reunidos numa compreensão global (Forghieri, 2021, p. 44).

O espacializar transcende os limites do próprio corpo e ambiente concreto que o circunda, podendo ampliar tais limites ou torná-los mais restritivos, segundo a compreensão e o modo como o ser humano se sente em sua existência no mundo bem como os sentidos e significados atribuídos à existência (Forghieri, 2021).

Castro (2017a) e Forghieri (2021) argumentam que nossa trajetória de vida se constitui no tempo, não em um aspecto cronológico apenas, mas de uma forma totalitária.

Posso imaginar qualquer coisa. Na infância sonhei com minhas habilidades como adulto. Minhas ambições de adulto. Agora quero me lembrar de como eu era. Galã, desenvolto, encantador, terrivelmente atraente. Encantador e agradável para uns” (Bauby – recorte do filme, Schnabel, 2007).

Jean-Do solicita que entrem em contato com a agência que promoverá seu novo livro. A agente, imaginando que ele estivesse em estado vegetativo, conversa com a fonoaudióloga que afirma que a comunicação é possível, porém ele precisará de uma pessoa paciente

² Ozymandias era o apelido utilizado pelos gregos para referirem-se ao faraó Ramsés II (1279 – 1213 a.C.), considerado o mais poderoso de todos os faraós do Egito.



e com tempo livre para auxiliá-lo. A agente concorda e ele começa a escrever seu livro.

Em seu primeiro dia com a assistente, ele mergulha em cinco horas de intensa criação. Merleau-Ponty (2018b) pontua que o escapo, capacidade de criar sentidos, exprime a produtividade humana, isto é, dar sentido ao que ainda não tinha, seja passando de um sentido primeiro para um segundo (Silva & Castro, 2020). A partir do sentido de ser-diagnosticado-com-síndrome-do-enclausuramento torna-se outro, o livro possibilita o enfrentamento de viver para além do escafandro.

2.2.2 A morte: *la liberté* (a liberdade)

Segundo François de La Rochefoucauld, “*le soleil ni la mort ne se peuvent regarder en face*”, traduzido por D’Aguiar (2014) como: “Não podemos olhar fixamente nem o sol nem a morte”. Angerami (2007), nos traz a perspectiva heideggeriana e sartreana acerca do fenômeno da morte. Enquanto Heidegger advoga que a consciência da morte torna a autopercepção mais intensa e nos confere a categoria da individualidade, Sartre afirma que “a morte é a única coisa que ninguém pode fazer por mim”.

Jean-Do aproximou-se da morte e expressa seu medo no seguinte trecho:

Estou com medo. Esse sentimento de fatalidade não me abandona. É preciso, o que se chama de milagre, para que eu recupere o bom ânimo. É perigoso acreditar em milagres pessoais. Fazem qualquer um se sentir importante. De qualquer forma, me parece justo que algo milagroso me aconteceu. Comecei a cantar. Resmungo, canto. Minha dicção deixa muito a desejar. Parece o latido do meu coração. Digo a mim mesmo que é o som das asas da borboleta. Meu progresso é inegável. Talvez ouça como uma borboleta. Olho para o futuro. Logo terminará o verão e passarei o meu primeiro



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

outono neste hospital. Minha vida é aqui. Uma eterna repetição. Aqui (Bauby– recorte do filme, Schnabel, 2007).

Observa-se que, durante o seu “aprisionamento”, paralelamente e curiosamente, o Jean-Do encontra-se com a liberdade – como uma borboleta que, por meio da arte, se liberta das amarras (Carvalho, 2017).

Tenho pneumonia. Justo quando acreditei. Como um marinheiro que vê a costa se afastar. Vejo meu passado que se desvanece. Tornando cinzas de esquecimento. Que retorno! (Bauby – recorte do filme, Schnabel, 2007).

Jean-Dominique Bauby faleceu no dia 9 de março de 1997, 10 dias após o lançamento de seu livro O Escafandro e a Borboleta.

A borboleta bateu asas.

Considerações Finais

As re-flexões a respeito da trajetória de vida de Jean-Dominique Bauby contribuíram para propor uma nova maneira de compreender a Síndrome do Encarceramento para além de seu enclausuramento.

A partir do filme O escafandro e a Borboleta, dirigido por Julian Schnabel e baseado no romance de Jean-Dominique Bauby e de trechos do próprio livro, entendemos que, no momento em que esse ser-á se descobriu com a Síndrome do Encarceramento - condição rara caracterizada pela perda do controle muscular voluntário dos membros que impede a pessoa de se movimentar e falar – suas vivências presas a um corpo desvelam-se em forma angústia, desejo de morte, medo, culpa.

Concluiu-se que a vida de Jean-Do não foi apenas atravessada pelo sofrimento após a facticidade do AVC e a comunicação do diagnóstico da Síndrome do Encarceramento, seu corpo também era



livre como uma borboleta, e essa liberdade, mesmo limitada a esse corpo encerrado em si, o movimentou a escrever autobiografia com “o único respiradouro de seu cárcere”, que o impedia de mergulhar em total escuridão, sua pálpebra esquerda.

Referências

- Angerami, Valdemar Augusto. (2007). *Psicoterapia existencial*. 4 ed. Thomson Learning.
- Bauby, J-D. (1997). *O escafandro e a borboleta*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. Martins Fontes.
- Carvalho, G. (2017). Crítica: *O Escafandro e a Borboleta*. <https://www.planocritico.com/critica-o-escafandro-e-a-borboleta/>.
- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2017a) *Fenomenologia e psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa*. 1 ed. Appris.
- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2019b). *Práticas de pesquisa em psicologia fenomenológica*. 1.ed. Appris.
- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2020c). *Pluridimensionalidade em Psicologia Fenomenológica: O Contexto Amazônico em Pesquisa e Clínica*. 1.ed. Appris.
- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2021d). *Perspectivas em Psicologia Fenomenológica-Existencial: fazeres, saberes e possibilidades*. Editora Dialética.
- Da Silveira, A. L. et al. (2012). Corporeidade e existência: notas de uma perspectiva fenomenológica sobre a condição da pessoa com deficiência física. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, v. 18, n. 1, pp. 30-36.
- Feijoo, Ana Maria Lopes Calvo de (2010). *A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial*. 2.ed. IFEN.
- Forghieri, Yolanda Cintrão (2021). *Psicologia fenomenológica: Fundamentos, método e pesquisa*. 13ª reimpressão. 1ª edição (14 novembro 2000). Cengage Learning.
- Heidegger, Martin (2015). *Ser e tempo*. 10ª edição. Editora Vozes.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

La Rochefoucauld, F. (2014). *Reflexões ou sentenças e máximas morais* / La Rochefoucauld ; tradução de Rosa Freire D'Aguiar. — 1ª ed. — Penguin Classics Companhia das Letras.

Merleau-Ponty, M. (2014a). *O visível e o invisível*. 4ª ed. Perspectiva.

Merleau-Ponty, Maurice (2018b). *Fenomenologia da percepção*. 5ª ed. WMF Martins Fontes.

Ming-Wau, C. et al. (2020). A Decisão de Tentar o Suicídio sob a Lente Fenomenológico-existencial Sartriana. *Estud. pesqui. psicol.* Rio de Janeiro, v. 20, n. spe, pp. 1310-1330. <http://dx.doi.org/10.12957/epp.2020.56663>.

Pacheco-Hernandez, A. et al. (2017). Síndrome de Locked-In: Reporte de Caso y Revisión de Literatura. *Revista Ecuatoriana de Neurología*, 26(3), pp. 301-305. Versión On-line ISSN 2631-2581.

Roehe, M. (2018). Contribuições da analítica existencial de Martin Heidegger para o pensamento sobre saúde. *Revista Psicologia, Diversidade E Saúde*, 7(1), pp. 128–138. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v7i1.1679>.

Sanches, J. (2009). Corpo, doença e liberdade. *ComCiência [online]*. n.109 [citado 2022-01-07]. ISSN 1519-7654.

Santos, J.L. (2017). Depressão do Ponto de Vista Fenomenológico. In: Payá, R. (org.) *Intercâmbio das psicoterapias: como cada abordagem psicoterapêutica compreende os transtornos*. 2. ed. -- Roca, cap 16. pp.311 - 338.

Silva, Marcio Roberto Oliveira & Castro, Ewerton Helder Bentes de. (2020). O sentido atribuído à experiência da comunicação do diagnóstico de câncer por discursos de pessoas idosas sob a ótica do pensamento de Merleau-Ponty e Heidegger. In: CASTRO, Ewerton Helder Bentes de (Org.). *Pluridimensionalidade em Psicologia Fenomenológica: O Contexto Amazônico em Pesquisa e Clínica*. 1.ed. Appris, cap.5, pp.83-104.

Schnabel, J. (Diretor). (2007). *Le Scaphandre et le Papillon* [DVD]. Europa Filmes.

Vidal, F. (2018). Hacia una fenomenología del síndrome de cautiverio. *Rev. Asoc. Esp. Neuropsiq.* [online]. Vol.38, n.133, pp.45-73.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Recebido em: 13.11.2022 Aceito em: 15.12.2022 Publicado: 01-01-2023

Autores

Luziane Vitoriano da Costa

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia/PPGPSI/UFAM. Psicóloga graduada pela Universidade Paulista/UNIP. Docente da Universidade Nilton Lins/UNL. Membro do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Vice-coordenadora científica da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE. E-mail: luziane.costa@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8374-9206>

Gabriel Vitor Melo Rocha

Mestrando Pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM em Processos Psicológicos e Saúde. Membro do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Tutor da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial - LAPFE E-mail: gabrielvitor.mr@gmail.com **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-2803-4726>

Kennedy Ferreira da Silva

Mestrando Pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM em Processos Psicológicos e Saúde, pós-graduando em musicoterapia pela Censupeg- AM e Fundador do Projeto Acadêmicos da Alegria – ACDA. Membro do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Tutor da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial - LAPFE E-mail: kennedyferreiradasilva90@gmail.com **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-8536-2411>



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Ewerton Helder Bentes de Castro

Pós-doutor pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Doutor em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP) - 2009. Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas - 1999. Graduação em Psicologia pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas - 2006. Pesquisador na área de Psicologia Fenomenológico-Existencial nas áreas de Psico-oncologia, Docente do Curso de graduação em Psicologia FAPSI/UFAM. Coordenador do Laboratório de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial. E-mail: ewertonhelder@ufam.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>